

ESPORTES

FUTSAL Mentor do título da Copa da modalidade, Marquinhos Xavier aponta ligação com torcida como trunfo, inclusive para as equipes de futebol da CBF

A conexão do triunfo é o povo

DANILO QUEIROZ

Brasil vive os louros de uma nova era de hegemonia no futsal. Dominante por praticamente todo o período de ascensão da modalidade em âmbito mundial durante os anos 1990 e 2000, a Seleção superou um breve período de baixa para encontrar, sob a batuta do técnico Marquinhos Xavier, o caminho para voltar a empilhar taças. Com a mentoria do catarinense de 52 anos, a equipe verde e amarela ostenta o status de atual campeã da Copa do Mundo, da Copa América e da Copa das Nações, conquista obtida em Brasília, em 2025. Em meio ao sucesso, a conexão com o povo surge como trunfo extra. O fator é compartilhado pelo treinador, inclusive, como elemento capaz de inspirar também as equipes nacionais de futebol de campo nos próximos mundiais.

Em entrevista concedida ao **Correio** durante participação no CBC & Clubes Expo, fórum promovido pelo Comitê Brasileiro de Clubes (CBC), em Campinas, entre 22 e 25 de abril, Marquinhos Xavier celebrou o momento especial atravessado pela Seleção de futsal após liderar um amplo processo de renovação. O treinador assumiu a equipe nacional em 2017, pouco depois da pior campanha brasileira em Copas do Mundo da modalidade. Na edição de 2016, o país caiu pela primeira vez nas oitavas de final da competição. Gradualmente, o técnico tricampeão da Libertadores pavimentou o caminho para recolocar o Brasil no topo do cenário internacional, feito concretizado em mais de 100 partidas à frente da equipe.

A retomada do protagonismo mundial passa, na visão do treinador, por um processo estrutural construído nos bastidores. Para Marquinhos Xavier, o crescimento recente da modalidade no país também encontra sustentação no investimento profissional e no fortalecimento institucional proporcionado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), gestora da modalidade desde 2021. “É realmente um momento especial, que acaba encontrando uma estrutura um pouco mais adaptada, com o apoio de uma entidade muito forte, que é a CBF, dentro do futebol e do beach soccer também. E o investimento nos profissionais, na formação de todos nós, isso tem garantido para

Tatiana Ferro/Divulgação/CBC



Líder do momento de alta da Seleção de futsal, Marquinhos Xavier cita divisão de responsabilidade como caminho para lidar com a pressão do cargo

Três perguntas para...

MARQUINHOS XAVIER, TÉCNICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL

Qual a importância de compartilhar conhecimento em eventos como o CBC & Clubes Expo?

Foi especial não só para mim, mas para comunidade do futsal. Um evento dessa grandeza... a gente acompanha o trabalho que o CBC faz há muito tempo. Poder ser incluído no hall de muitos clubes e modalidades é motivo de satisfação. Aproveitamos a oportunidade para

gente a manutenção da hegemonia. Isso é fundamental”, avalia.

O cenário de domínio internacional também traz uma consequência inevitável: a pressão permanente por resultados. Acostumado à cobrança diária desde

deixar uma mensagem, para marcar a presença como uma modalidade importante na cultura do Brasil e, acima de tudo, encontrar tantas pessoas e aprender com a lição que o esporte tem dado para crianças e jovens dentro do nosso país.

O que falta para o futsal entrar no programa dos Jogos Olímpicos?

Esse alinhamento entre as entidades. É uma campanha orquestrada de toda a comunidade do futsal de trazer o Comitê Olímpico do Brasil (COB) mais para próximo para que ele também nos ajude nessa

luta junto ao Comitê Olímpico Internacional (COI). É paciência. Não queremos excluir nenhum esporte. Acreditamos que todos os que estão no programa são importantes. Falamos em aumentar o número, mostrar que temos uma força muito grande. Daqui a pouco, essa oportunidade vai acontecer. Enquanto não acontece, a gente precisa se preparar e estar estruturado.

No ano passado, o Brasil foi campeão da Copa das Nações em Brasília. Qual impressão teve da cidade?

Muito boa. Fomos muito bem acolhidos. Temos a perspectiva de ter competições esse ano ainda em Brasília. A cidade tem se credenciado a ser não só a capital federal, mas também a capital do esporte. Isso é muito bacana, porque é uma oportunidade das pessoas conhecerem um centro que foi reconhecido mundialmente pelo sistema que é gerido por meio das instituições políticas, mas também, o lado da saúde, o lado do bem-estar, do esporte, da educação, da cultura. E a gente fica feliz de estar na capital federal junto com a nossa Seleção.

Muito boa. Fomos muito bem acolhidos. Temos a perspectiva de ter competições esse ano ainda em Brasília. A cidade tem se credenciado a ser não só a capital federal, mas também a capital do esporte. Isso é muito bacana, porque é uma oportunidade das pessoas conhecerem um centro que foi reconhecido mundialmente pelo sistema que é gerido por meio das instituições políticas, mas também, o lado da saúde, o lado do bem-estar, do esporte, da educação, da cultura. E a gente fica feliz de estar na capital federal junto com a nossa Seleção.

Muito boa. Fomos muito bem acolhidos. Temos a perspectiva de ter competições esse ano ainda em Brasília. A cidade tem se credenciado a ser não só a capital federal, mas também a capital do esporte. Isso é muito bacana, porque é uma oportunidade das pessoas conhecerem um centro que foi reconhecido mundialmente pelo sistema que é gerido por meio das instituições políticas, mas também, o lado da saúde, o lado do bem-estar, do esporte, da educação, da cultura. E a gente fica feliz de estar na capital federal junto com a nossa Seleção.

com tudo que acontece. Claro que tem a parte cruel, que é a saúde mental, o estresse, o desgaste. Temos focado muito no desenvolvimento de atletas e de outros profissionais para conseguirmos seguir. Não acho que uma pessoa só consiga carregar tudo

isso sozinha. Então, dividimos bastante essa responsabilidade e tem dado certo. O mais importante, além do resultado que todo mundo busca dentro do esporte, é a gente continuar transmitindo valores e propósitos de trabalho que vão ajudar as pessoas a crescerem de uma forma geral”, explica.

Embora modalidades distintas, a pressão é algo compartilhado pelos profissionais do futebol e do futsal. Se a Seleção da modalidade da bola pesada está em alta pela conquista do hexacampeonato na Copa do Uzbequistão, em 2024, a de campo atravessa o período de cobrança para colocar a sexta estrela no peito no Mundial dos Estados Unidos, do México e do Canadá, em 2026. No próximo ano, as atenções vão se voltar ao time feminino. Ainda sem conquistas no torneio da Fifa, a equipe tentará a taça inédita na edição disputada no Brasil. Para Marquinhos, há um caminho capaz de fortalecer a confiança: a potencialização da identificação entre campo e arquibancada.

O treinador da Seleção de futsal vê a aproximação com a torcida como algo pendente a ser retomado no futebol. “Quebrar a barreira do distanciamento com o torcedor, com a comunidade, e mostrar dentro de campo valores que o brasileiro naturalmente já demonstra todos os dias: esforço e dedicação. Não é só a técnica que vence jogo. A energia de um país contagia, ajuda”, sugere. “Acredito que o grande passo é esse. Romper essa distância que passou a existir entre o atleta, as comissões e o povo. Se não conseguirmos isso, dificilmente vamos ter essa força que empurra, às vezes, a bola para dentro e tira a do adversário do nosso gol”, projeta.

Em meio ao atual domínio internacional do futsal, Marquinhos Xavier defende a manutenção da essência brasileira como peça indispensável para sustentar o país no topo. Além dos títulos, o treinador enxerga a modalidade como um espaço de reconstrução da identidade esportiva nacional, baseada em proximidade com o torcedor, senso coletivo e entrega dentro de quadra. Em um período no qual o futebol brasileiro busca recuperar protagonismo mundial também nos gramados, o caso de sucesso recente das quadras surge como exemplo de um caminho capaz de aproximar novamente Seleção e arquibancada.

NBB

Brasília aposta na lei do ex contra o Flamengo

LUCAS ALARCÃO*

O Brasília Basquete vai ao Rio de Janeiro enfrentar o Flamengo, no Maracanzinho, hoje, às 19h, pelo segundo jogo da série melhor de cinco das quartas de final do Novo Basquete Brasil (NBB). À frente na disputa após a vitória por 85 x 80, na terça-feira, no Ginásio Nilson Nelson, a franquia candanga aposta na lei do ex da área técnica para resolver a classificação ainda em solo carioca, onde ocorrerão os dois próximos duelos. Atual treinador dos extraterrestres, Dedé Barbosa jogou pela equipe rubro-negra e quer deixar de lado o sentimento pelo ex-clubes para ajudar os brasilienses a chegarem à semifinal.

A relação de Dedé com o basquete começou muito antes de o treinador ganhar destaque com a prancheta. Durante 14 anos, o jogador de 2,01m prestou serviço como ala em sete franquias diferentes. Pelo Telemar/Rio de Janeiro, por exemplo, sagrou-se campeão brasileiro. O Flamengo, no entanto, foi a equipe na qual o carioca teve mais passagens: três espalhadas entre as temporadas 1998, 2003/2004 e 2009/2010. Vestindo rubro-negro, Barbosa encerrou a carreira após jogar a segunda edição do NBB.

O reencontro com a equipe carioca na fase decisiva da temporada 2025/2026 faz o treinador voltar no tempo, mas sem desviar a

atenção do objetivo principal com a franquia candanga. “O Flamengo foi um clube muito importante na minha trajetória como jogador. Mas, hoje, eu estou totalmente focado no Brasília. Tenho muito orgulho do trabalho que estamos construindo aqui e encaro esse confronto com muito profissionalismo e respeito”, contou ao **Correio**.

No comando do Brasília desde 2022, o treinador fez a franquia do DF chegar aos playoffs ano passado. O feito não ocorria desde a temporada 2018/2019. Contudo, os extraterrestres acabaram eliminados para o São Paulo, ainda nas oitavas. Neste ano, Dedé Barbosa atingiu um feito maior ao recolocar a equipe local nas quartas após nove anos. “A cidade me abraçou de uma forma muito especial. Respira esporte e tem uma torcida apaixonada. Eu vejo uma evolução muito grande em todos os aspectos: estrutura, organização, mentalidade e conexão com o torcedor. Hoje existe uma identidade muito clara e isso foi sendo construído dia após dia, com muito trabalho”, ressaltou.

Se o Brasília garantir vaga nas semifinais, a equipe do DF quebrará um jejum de 10 anos sem chegar a essa fase do NBB. “Eu tenho esperança de ganhar aqui. Se você quer saber a verdade, eu prefiro ganhar um título aqui do que em qualquer outro lugar”, prospectou. “Eu acredito muito no potencial do Brasília.

Matheus Maranhão/Brasília



Técnico do Brasília, Dedé resalta os objetivos do clube na temporada



Cerrado perde para o líder

O Cerrado perdeu para o Sampaio Corrêa, ontem. Em São Luís, no Maranhão, o representante do Distrito Federal na Liga de Basquete Feminino (LBF) não suportou a força do líder e foi superado por 20 pontos: 86 x 66. O jogo foi válido pela segunda rodada do segundo turno.

Colin Foster/Divulgação



A missão de momento é eliminar o Flamengo, onde atuou como atleta

Programa-se

Flamengo x Brasília Basquete

2º jogo das quartas de final do NBB
Local: Maracanzinho, no Rio de Janeiro;
Quando: Sexta-feira (8/5), às 19h;
Transmissão: SporTV.

Ver o time em outro patamar mostra que o trabalho está no caminho certo, mas a nossa ambição continua muito alta. A gente quer recolocar Brasília entre os grandes protagonistas do país”, afirmou.

Dedé Barbosa começou como treinador na temporada 2014/15 do NBB, pela equipe do Limeira. No mesmo ano, recebeu o Troféu Ary Vidal, dado ao melhor treinador do torneio. Passados 12 anos desde o início da trajetória, o comandante

reflete, em 2026, sobre como o tempo lapidou a identidade à beira do gramado. “No começo da carreira, você quer resolver tudo na intensidade e na emoção. Com o tempo, aprende a entender melhor o jogo, o momento do atleta e, principalmente, a gestão humana”, destacou.

Embora atue no basquete, Dedé busca referências estratégicas no futebol. Na visão dele, a liderança e a gestão de pessoas são competências universais com capacidade de transcender as quatro linhas de qualquer modalidade. “Admiro muito o Pep Guardiola e Alex Ferguson pela capacidade de renovação e longevidade. Eu observo muito como os grandes líderes conseguem manter equipes competitivas por muitos anos. Isso é sempre um grande objetivo”, pontuou.

* Estagiário sob a supervisão de Marcos Paulo Lima